

REDUÇÕES LEXICAIS E GRAMATICAIS NA FALA DOS ÚLTIMOS FALANTES NATIVOS DO KOKÁMA NO BRASIL

Chandra Wood Viegas, LALI, Universidade de Brasília
Ana Suelly A. C. Cabral, LALI, Universidade de Brasília¹

Introdução

Neste estudo tratamos de reduções lexicais e morfossintáticas ocorridas na fala dos últimos falantes nativos da língua Kokáma no Brasil. Tais reduções são comuns em situações de obsolescência de uma língua, ou seja, quando já não é usada como meio principal de comunicação e vai gradativamente sendo substituída por outra. Na maioria dos casos conhecidos, a extinção de uma língua está ligada a uma intensa interação de seus falantes com falantes majoritários de uma outra língua. O estudo desenvolveu-se à luz do modelo teórico de Thomason e Kaufman (1988) e beneficiou-se dos importantes ensinamentos sobre línguas em contato dos trabalhos de Thomason (2001a, 2001b), Dorian (1973, 1977, 1980, 1981), Sasse (1992), Hill (1980) e Campbell e Muntzel (1989).

Ao tratarmos das reduções lexicais e morfossintáticas ocorridas na fala dos últimos falantes nativos da língua Kokáma no Brasil, procuramos identificar quais os tipos de mudanças lexicais e morfossintáticas que têm ocorrido nessa língua, consideradas as características tipológicas do próprio Kokáma, assim como das características tipológicas do Português, por ter sido esta a língua que entrou em atrito com o Kokáma, provocando a obsolescência deste.

Os dados do Kokáma do Brasil que serviram de base para o presente estudo foram coletados entre 1988 e 1996 por Ana Suelly A. C. Cabral, e em 2008 e 2009 por Chandra Viegas, alunos Kokáma do *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões* e Cabral. Estas últimas coletas foram realizadas junto a alguns lembradores da língua que vivem em várias localidades no Alto Solimões. Os dados do Kokáma do Brasil foram contrastados com os dados do Kokáma falado no Peru publicados em Faust e Pike (1959), Faust (1963, 1971, 1972), assim como em Lucas Espinosa (1989).

1. Considerações iniciais

Hill (1980), Campbell e Muntzel (1989) e Thomason (2001a) mostram que em situações de atrito de línguas verificam-se perdas de vocabulário, de estruturas fonológicas e gramaticais, reduções estilísticas e reduções no alcance de contextos funcionais. Para Thomason (2001a:228), em situações de atrito uma língua retrocede à medida que perde falantes, domínios e por último, estrutura. Thomason (p.228-229) põe em evidência alguns resultados de atrito:

(a) redução de alternâncias governadas por regras por meio da generalização analógica de uma das variantes; (b) fusão ou eliminação de categorias morfossintáticas; (c) tendência a substituir construções morfologicamente complexas por construções analíticas; (d) perda de construções sintáticas complexas; e (e) empréstimo, tanto de estrutura quanto de léxico.

Thomason (p. 229) observa ainda que muitos processos que são comuns em situações de línguas moribundas são também comuns em situações de contato, nas quais não há línguas moribundas (p. 230). Um dos exemplos dados por Thomason é a perda lexical em certos domínios, que como enfatiza essa autora, ocorrem em todas as línguas do mundo através dos tempos, embora a perda drástica de elementos lexicais seja conhecida apenas em casos de morte de línguas. Finalmente, empréstimo, incluindo empréstimo pesado, é também comum em várias situações de contato. Mas, segundo Thomason, atrito seria o único tipo de mecanismo exclusivo de situações de morte de língua (p.230).

Campbell e Muntzel (1989:186) observam que:

¹ Pesquisadora de produtividade científica, CNPQ.

...a previsão mais óbvia que se pode fazer a respeito de línguas terminais é a de que é muito provável que experimentem uma certa quantidade de mudanças em todos os componentes de sua estrutura: fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical.

Por outro lado, consideram difícil a previsão da natureza precisa das mudanças, embora observem a existência da tendência de formas marcadas serem substituídas por formas menos marcadas. Consideram também casos de variabilidade em que regras, originalmente obrigatórias, tornam-se opcionais. Os autores, pautados em casos distintos de línguas obsoletas, mostram que, a diferentes fases de línguas em extinção corresponderão graus de reduções morfológicas, sintáticas e estilísticas.

Nas seções seguintes examinaremos dados do Kokáma que foi falado no Brasil, em sua fase de obsolescência, com vistas à caracterização dos tipos de mudança observados, tendo como referência a variedade falada no Peru e registrada por Faust e Pike (1959), Faust (1963, 1971, 1972) e por Espinosa (1989).

2. Breves considerações sobre a origem do Kokáma

A língua Kokáma foi classificada inicialmente como uma língua da família Tupí-Guaraní (Nimuendajú, Loukotka, Rodrigues 1985, entre outros). Cabral (1995), fundamentada no modelo analítico sobre línguas em contato de Thomason e Kaufman (1988) compara o Kokáma com o Tupinambá e contrasta também dados do Kokáma com dados de outras línguas que são e/ou que teriam sido faladas na região Amazônica em que estiveram os povos conhecidos como Kokáma/Omágwa. Com os resultados da comparação Cabral demonstra a hipótese levantada por Rodrigues (1984-1985) de que, apesar de parte do vocabulário básico do Kokáma/Omágwa ter tido uma língua muito próxima do Tupinambá como fonte, sua fonologia, morfofonêmica e morfossintaxe não encontram correlatos nas línguas que são comprovadamente pertencentes à família linguística Tupí-Guaraní, concluindo que o Kokáma não pode ser classificado geneticamente como relacionado a essa família.²

Cabral (1995), considerando os elementos Tupí-Guaraní, Aruák, Páno, Quéchua, da Media Lengua, do Espanhol, do Português, mas também elementos de origem desconhecida, assim como as estruturas linguísticas do Kokáma e as informações etno-históricas sobre os povos da região, principalmente sobre os Kokáma/Omágwa e sobre os Tupinambá da costa, associa o Kokáma ao tipo de língua rotulado por Thomason e Kaufman (1988) de “crioulo abrupto”. Este é um tipo de língua desenvolvido em situações de contato em que os envolvidos falavam línguas tipológica e geneticamente distintas, e que não tiveram tempo hábil para aprenderem uns as línguas nativas dos outros, de forma que uma nova língua se criou desse contato, nativizando-se em seguida.

É esta origem não genética da língua Kokáma que consideramos neste estudo, o qual trata de um outro momento dessa língua, o que marcou a morte de uma de suas variedades, a falada no Brasil.

3. O contexto social em que a língua Kokáma tornou-se obsoleta

Os Kokáma localizados em vários pontos do Solimões e também na periferia de Manaus são oriundos da região de Loreto, no Peru. São esses Kokáma descendentes de famílias que deixaram o Marañon e estabeleceram-se no Solimões entre o final do século XIX e o início do século XX. Os Kokáma fundadores de Sapotal, por exemplo, pertencem a algumas dessas famílias que vieram do Peru para trabalhar nos seringais que correspondem hoje às aldeias Tikúna de Orique e de Feijoal. A história dessas famílias foi registrada por Cabral (1988, 1989, 1992, 1996) junto aos descendentes de Kokáma monolíngues que encabeçaram movimentos migratórios para essa região. Um dos patriarcas Kokáma que vieram para o Brasil, Seu Benjamin Samias, falecido em 1991 com aproximadamente 90 anos de idade, foi um dos Kokáma cujos filhos falaram a língua Kokáma como primeira língua até a idade aproximada de 12 anos. Este Senhor teve filhos com duas mulheres, mas só os filhos de sua primeira esposa, a qual nascera no Peru e aqui chegara com ele, falava a língua Kokáma. Um de seus filhos foi o fundador da comunidade de Sapotal, Seu Antônio Samias, o Kokáma que mais se preocupava com a morte de sua língua, que já se dava no final do século passado.

² Ver também Cabral 2000 e 2007.

Ainda na década de 80 havia pelo menos 20 Kokáma que ainda tinham razoável grau de proficiência na língua Kokáma, mas vários deles já não queriam mais falar a língua nativa por esta ser considerada língua do diabo pelos pastores das igrejas que frequentavam em Tabatinga. Atualmente são encontrados no Brasil descendentes de aproximadamente 20 famílias Kokáma, dentre as quais, as famílias Aiambo, Pacaio, Samias, Tibão, Tananta, Kuriki, Panduro, Maniama, Sandoval, Ramires, Peres, Arcaño, Lopes, as quais, possivelmente, chegaram no Brasil na mesma época para trabalhar nos seringais do Solimões.

Nos Seringais onde foram morar, as famílias Kokáma ainda falaram por um bom tempo a língua nativa em casa, mas nas demais situações eram obrigados a falar português, já que não falavam Tikúna, Péba, Kanamarí e Majurúna, que eram as outras línguas encontradas nos seringais da região. Dos vários casamentos realizados nos anos quarenta entre os Kokáma, ou o marido ou a esposa era passivo no conhecimento da língua Kokáma, de forma que seus filhos não aprenderam a língua Kokáma, mas apenas palavras soltas relativas a nomes de peixes e de plantas, cujo conhecimento se propagou provavelmente pela semelhança entre o Kokáma e o Nheengatú falado até pouco depois da primeira metade do século XX na região. Seu Antônio Samias lembrava muito bem da época em que deixou de falar a língua nativa. Havia inclusive pressões por parte dos não indígenas com quem se relacionava para que deixasse de falar a língua nativa.

A língua Kokáma se manteve na lembrança de alguns descendentes Kokáma, como foi o caso dos filhos de Seu Benjamin. Note-se que este Senhor nunca aprendeu a falar Português, mesmo depois de viver por mais de cinquenta anos no Brasil, e seu espanhol era bastante rudimentar. Falava um pouco de Quéchua, mas era fluente mesmo na sua língua Kokáma. Os seus filhos contam que dos 12 anos em diante só falavam Kokáma em família e que foram paulatinamente substituindo a língua nativa pelo Português regional dos ribeirinhos do Solimões.

4. Reduções linguísticas ocorridas na fala dos últimos falantes do Kokáma no Brasil

4.1 Reduções Lexicais

As sessões de pesquisa da língua Kokáma são importantes fontes de informação sobre as reduções ocorridas no conhecimento da língua nativa pelos últimos falantes do Kokáma no Brasil. Em termos lexicais as reduções ocorreram principalmente nos campos da cultura material, das sensações, do sistema de parentesco, além de verbos especializados correspondentes a essas áreas.

Um exemplo de redução lexical no sistema de parentesco original foi o desaparecimento da palavra para avó *nai*. Desapareceram vários nomes de pássaros, nomes relativos à estrutura das casas, como viga, piso, janela, e nomes relativos a certas partes do corpo.

4.2 Reduções fonológicas

As reduções fonológicas foram unicamente de natureza morfofonêmica, como a ocorrência facultativa de regras obrigatórias no Kokáma original. Faust (1972:22) descreve uma regra de sonorização da consoante surda *k*, segundo a qual quando a uma palavra terminada em *n* for acrescentado o sufixo *-ka*, este passa a ser *-ga*. Os exemplos dados por Faust são: **ahán* 'isto' e **ahánga* 'isto-em' ou 'aqui'. **jukún* significa 'esse' e **jukúnga* 'esse-em' ou 'ali'. No Kokáma do Brasil essa regra continuou ativa. Por outro lado, Faust (1972:29) descreve uma outra regra, segundo a qual as orações como **inu seta*, ocorrem na fala normal, mas falada lentamente seria *inu tsa tseta*. Na fala normal, *tsa* em contato com uma palavra que começa com o som *ts*, se funde com este e se transforma em *s*. (**tsa* 'eu' + *tseta* 'querer' ou 'necessitar' se transformam em *seta* 'eu quero'). Esta é uma regra mais geral da língua Kokáma, de forma que, quando a sequência *tsa* ou *tsu* ocorre antes de *ts*, tanto *tsa* + *ts* quanto *tsu* + *ts* se fundem, transformando-se em *s*. Essa regra é aplicada na fala de uma mulher (A.), mas na fala de sua irmã (M.) há aplicação opcional da mesma regra.

4.3 Reduções gramaticais

As reduções gramaticais foram as mais significativas. Das partículas que marcam aspecto perfectivo, apenas a que expressa 'perfectivo imediato' (+*ui*) era ainda usada, mas não sempre quando esperado. As outras três partículas, *ikwa* 'perfectivo recente' e *tsuri* 'perfectivo remoto' eram raramente usadas, como pode ser visto no exemplo *ikwatxi amána uári* 'ontem choveu' (O.P., 1988). Quanto à partícula *á* 'projetivo', esta não foi

atestada entre os Kokáma do Brasil. Em seu lugar, eram usadas ou a perífrase constituída de *pronomes pessoais*, *utsu* ‘ir’ e *verbo*, como em *tsa utsu ikari* ‘eu vou cantar’ ou a partícula *tsĩ* seguindo imediatamente o predicado, *tsa ikari tsĩ*.

4.4 Reduções morfossintáticas

As nominalizações por meio do sufixo *-n* eram usadas assystematicamente, como mostram os seguintes exemplos:

penu tyma nua ‘nós (exclusivo) não somos grandes’ e ‘*penu tyma nuan*’

No Kokama original, a forma predicativa é o resultado da combinação do adjetivo ou do verbo com o nominalizador *-n*, sendo a forma sem *-n* restrita ao uso de *nua* como adjetivo, como em *amua uka nua* ‘outra casa grante’

Um outro tipo de redução observado foi a eliminação de contraste entre forma masculina e feminina na primeira pessoa, possivelmente devido à proximidade fonológica das duas formas *tsa* ‘1.f’, *ta* ‘1.m’. Por outro lado, a forma *etse*, usada originalmente como forma pronominal independente pela mulher, passa a ser usada também pelo homem.

Considerações finais

A breve comparação do Kokáma do Brasil com o Kokáma original, falado pelos Kokáma mais velhos que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, e que é o mesmo Kokáma falado no Peru que foi registrado por Faust e Pike, Faust e Espinosa, mostra que as mudanças foram graduais, para o que contribuiu naturalmente o desuso da língua materna dos Kokáma nas situações cotidianas em que houve a imposição do uso do Português, sobretudo quando deixaram os seringais. Note-se que nos mesmos seringais viviam índios Tikúna, mas estes não deixaram de falar a sua língua nativa, muito provavelmente por serem esses índios pertencentes a grupos numerosos. Já os Kokáma não passavam de poucas famílias, cujos filhos realizaram casamentos com regionais e mesmos com indígenas de outras etnias, como foram os casos de casamentos de Kokáma com Peba e Kanamarí, atestados na aldeia de Sapotal.

Sobre a natureza das mudanças observadas na fala dos últimos Kokáma do Brasil, verifica-se que são mudanças previsíveis em situações de atrito, em que prevaleceram perdas lexicais, empréstimos da língua dominante, simplificações de várias naturezas e substituições de construções sintéticas por analíticas, dentre outras. É importante notar que, mesmo sendo as últimas falantes do Kokáma do Brasil A. e M. continuam guardando viva na memória a língua de seus ancestrais, ainda que já reduzida em vários aspectos.³

³ Atualmente se encontram em desenvolvimento projetos que consistem em tentativas de revitalização da língua Kokáma no Brasil, como o desenvolvido por pesquisadores do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, e que é coordenado pelas duas autoras deste trabalho, intitulado *Revitalização da Língua Kokáma*. Algumas dos produtos realizados até o presente foram:

1- Um CD contendo músicas tradicionais dos Kokáma gravadas durante o Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões, em 2006. O cantor do grupo e um dos últimos falantes do Kokáma no Brasil, Seu André Samias, faleceu em julho de 2009.

2- Tradução da GRAMÁTICA KOKÁMA de Norma Faust (publicada em *Série Linguística Peruana*, nº 6, 1972). A tradução e adaptação do texto do livro foi realizada por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Chandra Wood Viegas, Pe. Ronald MacDonell e supervisão de Aryon Dall’Igna Rodrigues.

3- Um vídeo “Língua Kokáma”, produzido pelos graduandos Kokáma na VI Etapa do curso, sob a direção de Chandra Wood Viegas e editado por Jorge D. Pennington (www.tvnavegar.com.br)

4- Um DVD interativo, que é um material de apoio para professores Kokáma. O DVD é intitulado *Makatipa na utsu?*. Foi organizado por Chandra Wood Viegas. Conteúdo: (Alguns dos dados coletados por Ana Suelly A. C. Cabral, vídeo “Língua Kokáma” 2009, fotos dos alunos e músicos Kokáma, músicas tradicionais Kokáma.

Encontra-se, em andamento, a construção de uma Biblioteca Virtual sob a supervisão do do IBICT. A biblioteca contempla registro, comunicação e ensino. Conforme Menezes (2002) a Biblioteca Virtual é um “termo utilizado em educação à distância para caracterizar um acervo de textos e outras mídias acessíveis pela Internet ou outras redes”. Como o curso no Alto Solimões ocorre somente duas vezes ao ano, com carga horária de 60hs por curso, a educação à distância possibilitará que nas demais horas do ano haja comunicação entre os envolvidos.

Com a *Biblioteca Virtual dos Kokáma* poderemos disponibilizar os dados da língua Kokáma de forma organizada, durável e acessível, considerando que esta língua se encontra em processo de obsolescência, tendo pouquíssimos lembradores no Brasil, todos idosos e já passivos. Serão também registrados aspectos culturais tradicionais e contemporâneos deste povo. A Biblioteca servirá como um meio de troca de experiências entre os Kokáma, principalmente entre os que residem no Peru e os que residem no Alto Solimões e em Manaus. Como as distâncias entre essas regiões são muito longas, o projeto irá permitir uma dinamicidade na comunicação e possibilitará o intercâmbio linguístico e cultural entre os diferentes grupos Kokáma.

Referências Bibliográficas

- CABRAL, Ana Suelly A. C. *Contact-Induced language change in the Western Amazon: the non-genetic origin of the Kokama language*. University of Pittsburg, 1995, 415 p. (Tese de doutorado).
- CABRAL, Ana Suelly A. C. En qué sentido el Kokáma no es una lengua Tupí-Guaraní. In: Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima : Universidad Ricardo Palma, Lima, 2000, v. II, p. 237-251.
- CABRAL, Ana Suelly A. C. New observations on the constitution of Kokáma/Omágua: a language of the boundary Brazil, Peru, and Colombia. In: Leo Wetzels. (Org.) *Symposium on Languages and Cultures in the Andean/Amazonian Border*. Amsterdam: CNWS Publications, 2007, v. 1, p. 365-379.
- CAMPBELL, L.; M. C. MUNTZEL. The structural consequence of language death. In: Dorian, N. C. (org.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 181-196
- DORIAN, Nancy. 1973. *Grammatical Change in a Diyng Dialect*. *Language* 49:413-438.
- DORIAN, Nancy. The problem of the semi-speaker in language death. *International Journal of the Sociology of Language*, n.12, p. 23-32, 1977.
- DORIAN, Nancy. Linguistic lag as an ethnic marker. *Language in Society*, n. 9, p. 33-41, 1980.
- DORIAN, Nancy. *Language death: the life cycle of a Scottish Gaelic dialect*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981.
- ESPINOSA, Lucas. *Breve Diccionario Analítico Castellano-Tupí del Peru*. Sección Cocama. Iquitos-Peru, 1989.
- FAUST, Norma; Evelyn G. PIKE. 1959. Brief Cocama vocabulary = Vocabulário kokama. In: *Série linguística especial*, no. 1, 56-75. Rio de Janeiro.
- FAUST, Norma; Evelyn G. PIKE. 1959. The Cocama sound system = O sistema fonêmico do kokama." In: *Série linguística especial*, no. 1, 10-55. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- FAUST, Norma. 1963. *El lenguaje de los hombres y mujeres en cocama*. Peru Indígena 10(22-23): 115-17.
- FAUST, Norma. 1971. Cocama clause types. In: David Bendor-Samuel (ed.), *Tupi studies* 1, 73-105. *Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields*, 29. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma.
- FAUST, Norma. 1972. *Gramática cocama: Lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Serie Linguística Peruana, 6. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano. 173 p. disponível em: http://www.sil.org/americas/peru/show_work.asp?id=10654
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (1984/1985) 'Relações internas na Família linguística Tupí-Guaraní'. In: *Separata dos volumes XXVII/XXVIII, Revista de Antropologia*. São Paulo.
- THOMASON, S. G.; T. KAUFMAN. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. University of California Press, 1988.
- THOMASON, Sarah G. Contact-induced language change and pidgin/creole genesis. In: Smith, Norval & Tonjes Veenstra (orgs.), *Creolization and contact*. Amsterdam: Benjamins, 2001a, p. 249-262.
- THOMASON, Sarah G. *Language contact: An introduction*. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 2001b.

Existe no Peru um Programa de *Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana* – FORMABIAP que ensina a língua Kokáma. No Brasil existe o *Curso de licenciatura para professores indígenas do Alto Solimões*, em que se ensina a língua Kokáma. O curso é desenvolvido pela Universidade Estadual do Amazonas - UEA, em parceria com a Organização Geral dos Professores Ticunas Bilingües – OGPTB. Há também a escola *Atawanã kwaratxi*, localizada na comunidade Nova Esperança do Brasileirinho, em Manaus, e que possui alunos de todas as idades, sendo 30 crianças, 10 jovens e 18 pessoas mais velhas. Há também a escola da comunidade *Ritama kamata tsuri* situada em Benjamin Constant.